

A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

THE CONTRIBUTION OF AFFECTION IN THE TEACHING PROCESS LEARNING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION.

Como citar esse artigo:

CARDOSO, Benedita Soares; SOUZA, Neide Aparecida Pereira; ROCHA, Ana Paula de Araújo. A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Anais do 2º Simpósio de TCC, das faculdades FINOM e Tecsoma. 2020; 328 -341

Benedita Soares Cardoso¹, Neide Aparecida Pereira de Souza¹, Ana Paula de Araújo Rocha².

¹ Acadêmicas do curso de Pedagogia;

² Professora Especialista

Resumo

O artigo científico de cunho acadêmico visa discorrer sobre a contribuição da afetividade no processo de ensino na educação infantil, tendo como objetivo fundamentar a importância da afetividade e de um bom relacionamento entre professor e aluno para o desenvolvimento da aprendizagem da educação infantil. Logo entende-se que a afetividade frente a este cenário educacional, em especial na educação infantil surge como um fator de suma importância, uma vez que se faz presente em todas as fases do desenvolvimento humano. O referido trabalho foi desenvolvido frente a uma metodologia de pesquisa bibliográfica e qualitativa, tendo como principais teóricos: Cavicchia (2011), Wallon (1942), Piaget (1976), entre outros teóricos que discorrem sobre a temática em questão.

Palavras-chave: afetividade, ensino, aprendizagem.

Abstract

The academic scientific article aims to discuss the contribution of affectivity in the learning teaching process in early childhood education, with the objective of basing the importance of affectivity and a good relationship between teacher and student for development of the early childhood education learning teaching process. It is therefore understood that affectivity in the teaching process of learning especially in early childhood education is a factor of paramount importance, since it is present in all phases of human development. This work had been developed in the face of a methodology of bibliographic and qualitative research, having as main theorists: Cavicchia (2011), Wallon (1942), Piaget (1976), among other theorists who discuss the theme in question.

Keywords: affectivity, teaching, learning.

Introdução

O referido trabalho de cunho acadêmico científico busca analisar, refletir e discorrer sobre a contribuição da afetividade no processo de ensino aprendizagem na educação infantil, tendo como problematização: a boa relação afetiva entre professor e aluno representa implicações positivas no processo de ensino aprendizagem do educando na educação infantil? Essa afetividade permite a eles uma melhor adaptação ao meio físico e social?

Diante de tal problematização apresentam-se as seguintes hipóteses: o professor atuante da educação infantil deve aprender a lidar com o estado emocional do aluno para melhor estimular seu crescimento individual e social? É importante que esse profissional compreenda que a afetividade é um grande laço que liga professor e aluno? Esse processo engloba um conjunto de qualidades relacionadas tais como: paciência, dedicação e vontade de ajudar. A afetividade é a junção de tais essas qualidades, e aprender a lidar com estas e juntamente com as emoções, deve ser parte integrante do processo diário de ensino aprendizagem da criança, seja em casa ou na escola.

Sendo assim, o referido estudo justifica-se pela intenção de promover uma reflexão na importância do ensino baseado na afetividade no contexto pedagógico, bem como apontar relação da afetividade no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. Logo o tema em questão fora elencado para estudo devido a sua relevância na interação diária entre o professor e o aluno, buscando assim através da afetividade proporcionar um ambiente mais prazeroso e agradável criando um clima de satisfação no qual haja uma relação harmoniosa e de respeito mútuo.

Diante destes pressupostos pedagógicos surge o objetivo geral que se baseia em: fundamentar a importância da afetividade e de um bom relacionamento entre professor e aluno para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem da educação infantil. A partir deste objetivo geral desdobram-se os objetivos específicos: Investigar a afetividade dentro do ambiente escolar, com foco na educação infantil; compreender discursos sobre a afetividade, políticos e emocionais; discorrer sobre a literatura que defende a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. Discutir sobre a relação frente às fases afetivas concretas. Relacionar alguns conceitos de afetividade embasados com o desenvolvimento infantil.

Métodos

O referido trabalho desenvolve-se frente metodologia de pesquisa bibliográfica tal qual como descreve SEVERINO (2007, p. 122),

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. Pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

A pesquisa qualitativa segundo Gerhardt e Tolfo (2009, p. 31), aponta que:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Frente à metodologia bibliográfica e qualitativa agregou-se a estas os conhecimentos adquiridos e desenvolvidos no período de graduação do curso Pedagogia.

Discussão

Ao se discorrer sobre as contribuições da afetividade no processo de ensino aprendizagem na educação infantil aponta-se a necessidade de discorrer sobre o desenvolvimento da criança, uma vez que este é fator primordial desta modalidade de ensino.

O desenvolvimento da criança, obrigatoriamente volta-se um olhar ao entendimento sobre o desenvolvimento humano, uma vez que ambos são apenas um, e estes por sua vez são demarcados como uma das diversas etapas que o ser humano irá passar.

Entende-se, por sua vez, que o desenvolvimento humano se caracteriza frente ao processo de crescimento, maturação e conseqüentemente mudanças cognitivas, psicoemocionais e, claro, mudanças físicas.

Segundo Souza e Veríssimo (2015, p. 83), os autores afirmam que o desenvolvimento Infantil (DI) é parte fundamental do desenvolvimento humano, destacando-se que, nos primeiros anos, é moldada a arquitetura cerebral, a partir da interação entre herança genética e influências do meio em que a criança vive.

Souza (2014, p. 54), ainda enriquece tal sequência reflexiva, ao afirmar que:

O desenvolvimento infantil é parte fundamental do desenvolvimento humano, um processo ativo e único de cada criança, expresso por continuidade e mudanças nas habilidades motoras, cognitivas, psicossociais e de linguagem, com aquisições progressivamente mais complexas nas funções da vida diária e no exercício de seu papel social.

Sendo assim, ao se voltar um olhar minucioso ao desenvolvimento infantil, pode-se compreender que este é marcado por fases, denominadas como fases do crescimento.

Através de diversas revisões bibliográficas em literaturas que abordam tal temática, pode-se compreender que as principais fases do desenvolvimento infantil estão demarcadas no período da infância que se caracteriza do 0 aos 6 anos de idade.

Segundo a UNESCO (2007, p. 58),

A primeira infância, fase do desenvolvimento que abrange entre 0 e 6 anos de idade, tem sido cada vez mais abordada e debatida por conhecedores de distintas áreas como psicólogos, sociólogos, e entre outros que adentraram num amplo consenso quanto ao desenvolvimento da primeira infância. Defendem essa fase, como primordial, na qual a criança arquitetará uma base que a favorecerá por toda a existência.

Diante de tal afirmação, pode-se direcionar uma reflexão ao desenvolvimento infantil, que compreende a faixa etária dos 0 aos 6 anos de idade, e assim refletir sobre a teorização de Vygotsky apud Duarte e Batista (2014, p. 68), em que afirmam que frente a essa faixa etária, essa fase do desenvolvimento humano, a criança aprende e depois se desenvolve. Deste modo, o desenvolvimento de um ser humano se dá pela aquisição / aprendizagem de tudo aquilo que o ser humano construiu socialmente ao longo da história da humanidade.

Diversos teóricos discorrem sobre esta temática, apontando seus conceitos e refletindo acerca deste, mas sempre buscando caracterizar a referida fase do desenvolvimento humano / infantil.

Segundo Cavicchia, (2011, p. 03),

A capacidade de organizar e estruturar a experiência vivida vem da própria atividade das estruturas mentais que funcionam seriando, ordenando, classificando, estabelecendo relações. Há um isomorfismo entre a forma pela qual a criança organiza a sua experiência e a lógica de classes e relações. Os diferentes níveis de expressão dessa lógica são o resultado do funcionamento das estruturas mentais em diferentes momentos de sua construção. Tal funcionamento, explicitado na atividade das estruturas dinâmicas, produz, no nível estrutural, o que Piaget denomina os “estádios” de desenvolvimento cognitivo. Os estádios expressam as etapas pelas quais se dá a construção do mundo pela criança.

Sendo assim, pode-se afirmar que o desenvolvimento infantil está diretamente ligado ao meio que a criança está inserida, às situações e experiências vivenciadas por

esta, que trarão para a mesma um processo de desenvolvimento físico, motor, emocional e cognitivo.

Direcionando um olhar ao desenvolvimento cognitivo da criança, Cavicchia (2011, p. 03) faz menção às referidas fases propostas por Piaget, afirmando que:

Para que se possa falar em estágio nos termos propostos por Piaget, é necessário, em primeiro lugar, que a ordem das aquisições seja constante. Trata-se de uma ordem sucessiva e não apenas cronológica, que depende da experiência do sujeito e não apenas de sua maturação ou do meio social. Além desse critério, Piaget propõe outras exigências básicas para caracterizar estádios no desenvolvimento cognitivo:

1o) todo estágio tem de ser integrador, ou seja, as estruturas elaboradas em determinada etapa devem tornar-se parte integrante das estruturas das etapas seguintes;

2o) um estágio corresponde a uma estrutura de conjunto que se caracteriza por suas leis de totalidade e não pela justaposição de propriedades estranhas umas às outras;

3o) um estágio compreende, ao mesmo tempo, um nível de preparação e um nível de acabamento;

4o) é preciso distinguir, em uma sequência de estágios, o processo de formação ou gênese e as formas de equilíbrio final.

Pode-se observar, após a reflexão de Cavicchia (2011), que ele apresenta as principais fases do desenvolvimento das estruturas sociocognitivas da criança, onde aponta características afetivas e sociais frente ao desenvolvimento das referidas fases, sendo estas: estágio da inteligência sensório-motora; estágio da inteligência simbólica ou pré-operatória; estágio da inteligência operatória concreta e estágio da inteligência formal.

Os estágios do desenvolvimento infantil segundo Piaget nos apresentam as fases de desenvolvimento da criança frente aos processos de equilibração, assimilação e acomodação, que por sua vez se tornam fatores predominantes frente ao seu desenvolvimento cognitivo, detendo-se a quatro estágios: sensório motor, pré operatório, operatório concreto e operatório formal.

Para Piaget, o primeiro estágio de desenvolvimento é o estágio sensório-motor, que compreende desde o nascimento a aproximadamente os 2 anos de idade. Neste período a criança irá gradualmente obter o controle consciente e intencional sobre suas ações. Em inúmeras vezes podem manter ou repetir ações que lhes propiciem sensações interessantes, contudo a criança demonstra uma inteligência prática, na qual não há representação mental (internalização da imagem do objeto, inicialmente e depois do conceito).

Zynger, Carvalho, D'orey (2012, p. 57), afirmam que:

Nesse estágio, os sucessos alcançados em suas ações sobre o mundo, geram sensações de prazer que são assimiladas pela criança e a estimula a novas explorações do meio que o cerca. Geralmente leva tudo a boca, cheira e explora o

mundo através dos sentidos e do movimento. De modo geral é cercada pelos adultos em virtude dos perigos que corre, enfiando dedinhos em tomadas e tentando coloca-los em frestas de portas, armários ou janelas. Sem ter a menor ideia de perigos, quer explorar e conhecer o entorno, valendo-se de sua motricidade, progressivamente mais refinada, o que lhe permite ações nem sempre recomendáveis.

Percebe-se, assim, que frente às primeiras fases do desenvolvimento infantil, mais subjetivamente do desenvolvimento cognitivo sensório-motor, a criança direciona sua atenção àquilo que consegue perceber, seja de forma imediata ou através dos seus sentidos.

O período pré-operatório compreende o período de desenvolvimento da criança entre os 2 e 4 anos de idade, período este em que a criança começa a desenvolver esquemas de assimilação mental, ou seja, surge o pensamento representativo, que se caracteriza pelo momento em que a criança substitui um dado objeto por uma representação, atribuindo a este a função simbólica e, assim, subsequentemente inicia-se o desenvolvimento do pensamento lógico através das operações concretas, com isso o pensamento representativo constrói a comunicação verbal. A comunicação surge neste estágio de forma egocêntrica, utilizando uma comunicação a partir de palavras vindas de outras pessoas.

Zynger, Carvalho, D'orey (2012, p. 58), contextualizam o referido estágio como:

Neste estágio a criança opera no subestágio simbólico, no qual a linguagem é a grande aquisição permitindo-lhe progressivamente, substituir o contato direto com os objetos (que lhe caracterizava o período sensório motor) por símbolos. O sistema de simbolização traduz, portanto, o início de uma operação mental de inteligência.

A criança adentra em uma etapa do seu desenvolvimento e inicia, dessa forma, o desenvolvimento da inteligência através das suas experiências e do meio em que está inserida, frente as suas estruturas cognitivas.

O estágio pré-operatório intuitivo global compreende o período de desenvolvimento da criança entre os 4 e 6 anos de idade, e caracteriza-se quando a criança passa a intuir sobre o mundo externo. Neste momento a criança já está adquirindo um maior desenvolvimento cognitivo e gera uma maior interação desta com o outro, bem como com o contexto na qual está inserida.

Zynger, Carvalho, D'orey (2012, p. 59), enriquecem estas características quando discorrem afirmando que:

Neste estágio a criança tende a dar conta de uma ordem ou situação, ainda que totalmente calçada na configuração e na imagem de objetos, utilizando uma linguagem egocêntrica. (...) elas precisam ver, pegar e manipular, esses objetos que favorecem a construção de representações mentais e porque, não dispondo ainda

da reversibilidade do pensamento, suas respostas são ancoradas apenas em sua “lógica pessoal”. É o que denomina o subestágio intuitivo global.

Percebe-se que nesta fase a criança já interage cognitivamente com as outras crianças e com os adultos a sua volta, desenvolvendo, assim, suas habilidades. O estágio pré-operatório intuitivo articulado compreende entre os 6 e 7 anos de idade, em que a criança começa a descentralizar o pensamento, ou seja, sente a necessidade de se expressar com clareza a fim de que possa ser compreendida pelos que estão a sua volta e / ou diante da situação a qual está vivenciando.

Zynger, Carvalho, D’orey (2012, p. 59), citam que:

Embora as representações mentais ainda sejam individualizadas, as interações sociais fazem com que se ampliem as estruturas lógicas, conferindo novos significados aos objetos.

Nesse período, os objetos, através do ensaio e erro, passam a articular-se entre si segundo suas funcionalidades. Ainda assim, a criança só pode considerar um atributo por vez.

Nota-se que a criança neste estágio já está com sua estrutura cognitiva organizada, sendo capaz de assimilar o lhe for significativo em sua vivência.

Ao se discorrer sobre os estágios do desenvolvimento infantil, sob à luz teórica de Piaget, pode-se compreender que o desenvolvimento das funções cognitivas, sócio emocionais /afetivas e motoras, se concretizam a partir da interação entre o sujeito e o objeto, desenvolvendo e estruturando a inteligência, a formação emocional e motora conforme o desenvolvimento da criança rento ao contexto em que se faz inserida.

Compreende-se que o desenvolvimento infantil está também correlacionado a interação da criança com o meio, seguindo esta linha de análise, o contexto escolar, mais prioritariamente a educação infantil será uma realidade pertinente ao cotidiano e ao desenvolvimento da criança.

A educação infantil segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) regulamenta a Educação Infantil, definindo-a como primeira etapa da Educação Básica e indicando como sua finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O ensino oferecido a crianças de 0 a 5 anos, se caracteriza com atendimento em creches e pré-escolas, tal como sendo o direito social das crianças, onde se afirma na Constituição de 1988, tal como dever do Estado, com a Educação.

Ao se referir à modalidade de ensino Educação Infantil encontramos em diversas literaturas várias nomeações que buscam identificar tal modalidade de ensino, tais como: maternal, creche, berçário, jardim de infância, pré-escola, entre outros. Contudo esta, nada mais é do que a primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

O processo de ensino aprendizagem da educação infantil, teve no decorrer do tempo uma longa trajetória de construção de bases e conceituação do que permearia e determinaria tal modalidade de ensino. Ao se voltar um olhar para o contexto histórico e social, constatou-se através de leituras realizadas em obras bibliográficas que no final da Idade Média, que a criança era considerada como um adulto em miniatura, sendo educada no âmbito familiar até os seus sete anos de idade, quando a partir desta passa a ser considerada “apta” para viver integralmente na sociedade com os adultos, onde estariam prontas para receberem e compartilhar os conhecimentos e experiências vividas pelos adultos.

Contudo segundo GADOTTI (2001) somente no século XVI, que surgem novos conceitos da Educação Infantil, quando surge o pensamento pedagógico moderno que traz consigo uma nova concepção de infância e assim trazendo novos rumos para esta modalidade de ensino.

As que discorrem sobre a referida temática, pode-se observar que diversos teóricos passam a conceber a criança como um ser que é capaz de pensar por ela mesma e assim surgem as primeiras propostas educativas contemplando o desenvolvimento sócio cognitivo das crianças a fim de enriquecer o processo de ensino aprendizagem e o desenvolvimento destas.

No decorrer do tempo essa modalidade de ensino, passou por diversas mudanças, sendo amparada por lei tal qual vem apresentando a as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil, e apresenta a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (MEC, SEB, 2010. p.12)

Essa modalidade ainda é enriquecida, quando é apresentados os seguintes princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (MEC, SEB, 2010. p.16)

Ainda sobre as diretrizes curriculares nacionais da educação infantil, pode-se observar a linha de proposta pedagógica que esta apresenta:

Na observância das Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

Oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;

Assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;

Possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;

Promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. (MEC, SEB, 2010. p.17)

Entende-se também que tal modalidade de ensino por estar direcionado as crianças de 0 a 5 anos, requer dentre todas as observâncias legais não só uma organização de estrutura curricular, mas também uma organização do espaço e material, uma vez que são ressaltadas nas diretrizes,

Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;

A indivisibilidade das dimensões expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;

A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização;

O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;

O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;

Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição;

A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades superdotação;
 A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América.
 (MEC, SEB, 2010. p.19 -20)

Se faz necessário ressaltar todos esses eixos e princípios da Educação Infantil, ao se conceituar tal modalidade de ensino ressalta-se suas perspectivas, peculiaridade e normalidades legais.

Sendo assim percebe-se que o processo de ensino aprendizagem da referida modalidade de ensino permeiam muito mais que um simples planejamento, mais sim uma observância minuciosa para que seja proposto um processo de ensino baseado nos eixos e princípios propostos para tal modalidade e que sejam agregados a estes toda e qualquer recurso ou ferramenta pedagógica que venham a contribuir para uma aprendizagem prazerosa e significativa da referida faixa etária a que se destina, logo a afetividade surge nesse cenário da educação infantil, como um fator primordial para o desenvolvimento psicossocioemocional e cognitivo da criança.

Nenhum conhecimento, mesmo que puramente através da percepção, não é simples cópia do real ou se encontra totalmente determinado pela mente do indivíduo. É o produto de uma interação entre o sujeito e o objeto, é a interação provocada pelas atitudes espontâneas do organismo e pelos estímulos externos. E esse conhecimento é, portanto, aprendizagem, fruto de uma relação que nunca tem um sentido só, é o resultado dessa interação. E a afetividade é a energia que move as ações humanas, sem ela não há interesse e não há motivação para a aprendizagem (PIAGET 1996, APUD GARCIA 2014).

A afetividade se faz presente no processo de ensino aprendizagem como um fator motivacional diante da proposta de interação e desenvolvimento da criança frente ao meio em que está inserida, cabendo assim ao professor tomar para si a importância da afetividade e assim trazê-la para a sua vivência diária como algo imprescindível para o desenvolvimento tanto da criança quanto do professor.

A afetividade tem um papel determinante no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando eminentemente o crescimento cognitivo, potencializando o ser humano a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres e objetos. (GOMES et al, 2018).

Quando a afetividade se faz presente na relação diária professor x alunos, criam-se vínculos afetivos que são construídos de forma diária através da observação, do amor, do exemplo, das atitudes do cotidiano escolar. Tal reflexão pode ser assim embasada pelo pensamento do teórico Wallon (1942), ao afirmar que a afetividade,

[...] contribui ao iluminar com outro foco como se dão as passagens de um momento a outro do processo de desenvolvimento: a criança passará por diferentes fases, cuja superação se dará por meio da vivência de uma ruptura, ou, nas palavras do autor, de uma crise. Nesse sentido, esse momento de ruptura é de fundamental importância e deve ser valorizado, uma vez que, tendo acumulado experiências e desenvolvido outros recursos, em determinado momento o sujeito necessita haver-se com essas coisas para garantir seu processo de individuação e autonomização (WALLON 1942, p. 40).

Ao se debruçar sobre reflexões de teóricos da área do desenvolvimento humano, Piaget nos aponta que a afetividade surge como um fator motivacional para o desenvolvimento cognitivo da criança, ao citar que:

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão (PIAGET, 1976, p. 16).

Diante desta perspectiva compreende-se que a afeição desenvolvida pelo professor com seu aluno e assim vice versa, auxiliaram no desenvolvimento cognitivo e comportamental da criança, uma vez que se compreende que os conhecimentos serão construídos a partir da vivências, das relações construídas que surgirão os laços afetivos dando significado a cada aprendizagem.

Embasa-se tal reflexão pelo pensamento teórico de Wallon,

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (WALLON, 1975, p.159)

Aponta-se que a afetividade no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem visa estimular e desenvolver na criança a capacidade de trabalhar sua autonomia frente às diversas situações sejam estas do cotidiano escolar e/ou social, construindo relações de respeito mútuo seja entre professor e aluno, aluno com aluno ou com demais integrantes do meio que a criança está inserida.

A atribuição de um maior ou maior sentido pessoal aquilo que se deve aprender é um dos principais fatores que condicionam o tipo de motivação e o enfoque que o aluno adota para realizar sua aprendizagem, incidindo desse modo no desenvolvimento do processo e nos resultados que se consegue obter. (MIRAS, 1996)

Seguindo o apontamento de Miras (1996), cita-se:

A afetividade se constitui como uma das habilidades que as profissionais de Educação Infantil Precisam utilizar para elaboração das propostas pedagógicas, no planejamento das atividades e na mediação das relações entre professora-criança, entre criança-criança e entre as crianças e os objetos de conhecimento. Dessa forma, a dimensão afetiva é inerente à função primordial das creches e pré-escolas, cuidar e educar (CACHEFFO e GARMS, 2015, p. 25).

Vygotsky e Wallon descrevem o caráter social da afetividade, sendo a relação afetividade-inteligência fundamental para todo o processo de desenvolvimento do ser humano. Cabe ao educador integrar o que amamos com o que pensamos, trabalhando de uma só vez, a razão e a emoção. Só se aprende a amar, quando se é amado. Por isso a criança tem que se sentir amada, para descobrir o que é amor. Nós não damos aquilo que não temos. (PAULA, FARIA, 2010)

Wallon (1992) “(...) a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa”. Para tanto, é necessário que a criança explore, que se utilize desta energia que a afetividade deixa transparecer para descobrir o novo. Mas para que se concretize de fato a existência da afetividade no processo de ensino aprendizagem, dependerá muito do objetivo docente, da forma como o professor irá direcionar e conduzir suas atividades docentes e qual a importância esse profissional dará a afetividade no desenvolvimento do seu trabalho docente.

Conclusão

Ao findar esse artigo pode-se concluir que a afetividade no processo de ensino aprendizagem na educação infantil, dar-se-á através do professor que deverá desenvolver práticas docentes que correlacionem à afetividade, compreendendo as individualidades de cada criança, tomando como princípio norteador que as relações afetivas que são construídas no dia a dia escolar irão influenciar de forma direta no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Frente a proposta para pesquisa buscou-se responder a problematização que voltava-se a analisar se a boa relação afetiva entre professor e aluno representam implicações positivas no processo de ensino aprendizagem do educando na educação infantil?

Ao refletir e discorrer frente a problematização em questão pode-se apontar que a afetividade desenvolve vínculos entre a criança e o professor que tendem a agir de maneira positiva, uma vez que estimulam o desenvolvimento emocional e cognitivo, mas para que tais vínculos sejam constituídos a proposta de ensino aprendizagem, o convívio diário e consequentemente o ambiente escolar, deverá ser composto por sentimentos que constituem a afetividade, tal qual alegria, respeito, afeto, prazer.

Pode-se concluir assim que no decorrer do processo de desenvolvimento da infância a afetividade é um fator primordial para as bases socioemocionais havendo uma necessidade de amplo convívio composto por diversas relações afetivas nos mais diversos contextos em que a criança se faz inserida, e a escola é um deles.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998. 3v.: il.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. V 3. Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CACHEFFO, Viviane Aparecida Ferreira Favareto ; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Afetividade nas práticas educativas da educação Infantil. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, número especial 1, p. 17-33, jan. 2015. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2814/2915>

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. Desenvolvimento da Criança nos Primeiros Anos de Vida. Univesp, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>.

GARCIA, Andréia Machado. Importância da Afetividade. Disponível em: < <http://tcconline.utp.br/media/tcc/2015/09/A-importancia-da-afetividade.pdf>

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (organizadores). Métodos de Pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GOMES, Eliane Reis, et al. A Importância da Afetividade no Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/a-importancia-da-afetividade-no-desenvolvimento-da-crianca-na-educacao-infantil.pdf>

MIRAS, M. Aspectos afetivos e as relações com os processos de ensino aprendizagem. Barcelona:Ediciones Universitárias de Barcelona, 1996.

PAULA, Sandra Regina De Sandra Regina De. FARIA, *Moacir Alves de*. Afetividade Na Aprendizagem. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 1 – nº 1 - 2010

PIAGET, Jean. Psicologia e pedagogia. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Juliana Martins. VERÍSSIMO, Maria de La Ó Ramallo. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. Rev. Latino-Am. Enfermagem nov.-dez. 2015;23(6):1097-104. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt_0104-1169-rlae-23-06-01097.pdf

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. 2007

ZYNGER, Elisabeth Aizmam; CARVALHO, Rosita; D'OREY, VERA. Como eles aprendem como podemos ensinar. <https://pt.scribd.com/document/90930672>,